

# ESTRATÉGIAS



## As doenças do desmatamento

Políticas para o gerenciamento da malária na Amazônia precisam levar em conta o desmatamento na região, concluiu uma equipe do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) que levantou o impacto da devastação da floresta na saúde da população. Uma análise publicada em outubro relacionou dados de desmatamento e estatísticas de doenças em 773 municípios da Amazônia Legal entre 2004 e 2012. Constatou-se que para cada 1% de floresta derrubada por ano viu-se um acréscimo de 23% nos casos de malária. A incidência de leishmaniose também cresceu com o avanço do desmatamento, com um aumento entre 8% e 9% de casos. Não foram registrados impactos da retirada da vegetação sobre doenças como sarampo, diarreia,

dengue e males respiratórios. O estudo, feito pelo biólogo Nilo Saccaro Junior e os economistas Lucas Mation e Patrícia Sakowski, não investigou como o desequilíbrio leva ao aumento de algumas doenças e não de outras. Mas sugere que características dos vetores podem explicar a diferença. O mosquito *Anopheles*, causador da malária, vive mais tempo e viaja distâncias maiores que o *Aedes aegypti*, que propaga a dengue, e com isso se deslocaria até áreas povoadas após a devastação de seus habitats. Também é possível que espécies que transmitem a malária de forma mais efetiva, como o *Anopheles darlingi*, tornem-se mais prevalentes do que espécies mais benignas, dizem os autores.

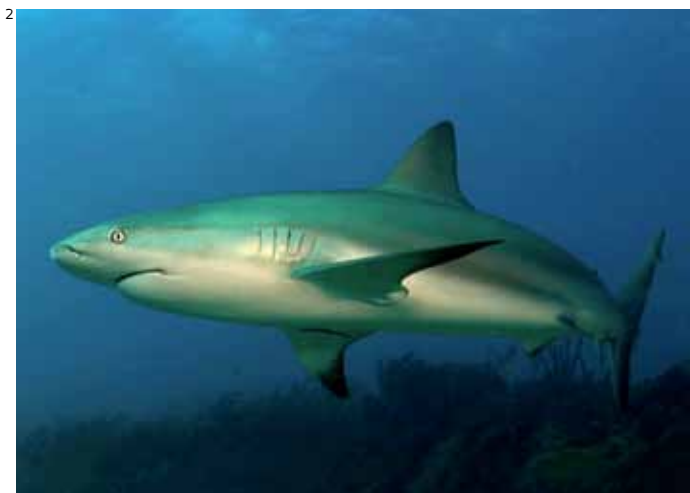
Índios Baré se banham no rio Cuieiras, no Amazonas: estudo mediu impacto da retirada da vegetação na saúde humana

## Interesse nos tubarões

A aproximação entre Cuba e Estados Unidos começa a se traduzir em parcerias científicas. Numa recente conferência internacional sobre oceanos, representantes dos dois países anunciaram que está sendo negociado um acordo de cooperação envolvendo pesquisa e gerenciamento de áreas marinhas protegidas. Um dos focos de interesse são as 100 espécies de tubarões residentes no mar do Caribe e no golfo do México que habitam as águas cubanas. “Cuba é uma espécie de epicentro da biodiversidade para os tubarões”, disse à revista *Nature* Robert Hueter, diretor do Centro de Pesquisa de Tubarões, em Sarasota, Flórida, que está trabalhando com pesquisadores cubanos. “É tempo de identificarmos objetivos comuns e trabalharmos juntos”, diz Jorge Angulo-Valdés,

pesquisador do Centro de Pesquisa Marinha da Universidade de Havana e professor visitante da Universidade da Flórida, em Gainesville. Algumas espécies endêmicas na região, como o tubarão-galha-branco-oceânico e o tubarão-mako-longfin, foram dizimadas em outras regiões e estão ameaçadas de extinção. O governo cubano criou uma área de proteção ao longo de 20% de sua costa e quer expandi-la. Pesquisadores de organizações conservacionistas, como o Environment Defense Fund, sediado em Nova York, querem fazer inventário das populações de tubarões e estão levantando recursos para começar o trabalho, promovendo, por exemplo, o treinamento de profissionais de barcos pesqueiros para identificar e registrar os tubarões que capturam.

Tubarão: as águas de Cuba abrigam mais de uma centena de espécies



## A praga que destrói as oliveiras

A Comissão Europeia anunciou uma chamada de € 7 milhões para financiar projetos de pesquisa para detecção e combate da *Xylella fastidiosa*, bactéria que está destruindo as oliveiras centenárias da região de Puglia, no sul da Itália. A praga agrícola, que atinge, ainda, regiões da França, é apontada como grande ameaça econômica para a União Europeia. O governo italiano também prometeu investir € 6 milhões em projetos de pesquisa. A *Xylella* é bastante conhecida no Brasil pelos prejuízos que causa nos laranjais e foi objeto do primeiro sequenciamento genético feito no país, em 2000, com financiamento da FAPESP. Pesquisadores brasileiros têm colaborado com os europeus nas pesquisas sobre

a interação entre a bactéria, a planta e o inseto que atua como vetor, a cigarrinha-espumosa, nas oliveiras. “Vamos submeter um projeto em parceria com um grupo da Itália no âmbito do programa Horizonte 2020, da União Europeia”, diz Alessandra Alves de Souza, pesquisadora do Centro de Citricultura Sylvio Moreira do Instituto Agronômico de Campinas (IAC) que participa da colaboração com os pesquisadores italianos juntamente com Helvécio Della Coletta Filho, do IAC, e Joao Spoti Lopes, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da USP.

Oliveiras atingidas pela *Xylella*, em Puglia



## Ciência no gabinete canadense

Um dos primeiros atos do novo premiê do Canadá, o liberal Justin Trudeau, foi criar o posto de ministro da Ciência em seu gabinete. A geógrafa Kirsty Duncan, de 49 anos, professora da Universidade de Toronto, foi indicada para o cargo. Ela foi uma das autoras do relatório de 2001 do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) e escreveu um

livro sobre a expedição que fez à Noruega para investigar a causa da epidemia de gripe espanhola em 1918. Entrou para a política em 2008, eleita parlamentar pelo Partido Liberal. A decisão de Trudeau foi bem recebida pela comunidade científica, uma vez que o premiê anterior, Stephen Harper, colocara os assuntos científicos na esfera de um

departamento de assuntos da indústria. O premiê indicou o analista financeiro Navdeep Bains para a pasta da Inovação e Desenvolvimento Econômico e a advogada Catherine McKenna para o Ministério do Meio Ambiente e das Mudanças Climáticas e prometeu recriar o cargo de conselheiro científico do gabinete, abolido por Harper em 2008.



A geógrafa Kirsty Duncan, da Universidade de Toronto: nomeada para o ministério

## Para conhecer as escolas

O Centro de Estudos da Metrópole (CEM), um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid) apoiados pela FAPESP, criou uma ferramenta *on-line* com informações sobre o desempenho e as condições de operação das escolas públicas da Região Metropolitana de São Paulo. A plataforma de livre acesso oferece informações sobre notas obtidas em avaliações, as instalações (laboratórios, quadras de esportes, biblioteca) e as condições socioeconômicas dos alunos. “Nossa contribuição, além de tornar as informações de livre acesso ao público, é agregá-las por escola. Qualquer cidadão poderá localizar a escola de seu interesse e obter de modo ágil dados sobre o histórico dessa escola e as condições em que ela funciona”, disse Marta Arretche, coordenadora do CEM e professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Segundo ela, a plataforma contou com a combinação de conhecimentos no campo das pesquisas de ciências sociais, de geoprocessamento, de demografia, de estatística e de programação. As informações podem ser consultadas no endereço [centrodametropole.org.br/escolas/](http://centrodametropole.org.br/escolas/).